

“Ventos” possui o duplo sentido de “costumes e opiniões populares”. As odes elegantes eram composições dos nobres, com temática majoritariamente profana.

79 Metais (*jin* 金); pedras (*shi* 石); sedas (*si* 絲); bambus (*zhu* 竹); cabaças (*pao* 匏); argilas (*tu* 土); couros (*ge* 革) e madeiras (*mu* 木).

80 Este passo da peroração reúne um pastiche heterogêneo de citações e conceitos advindos da tradição taoista (*Comentários Anexos ao Clássico das Mutações*, capítulo “Labores do Céu” de *Zhuangzi*) e da ortodoxia (capítulo “Regime do Rei” dos *Ensaios dos Mestre Xun*, “dos *Ensaios de Mêncio* (*Mengzi Yili* 孟子儀禮) e “Confúcio Medita”, 29.º capítulo do *Registo dos Ritos*). Vale a pena ressaltar, em especial, a tese canônica de que o Imperador é Pai e Mãe do povo, uma tentativa de fundar a autoridade burocrática no carisma paterno.

81 Eco do “Cânone de Shun” do *Clássico dos Documentos*.

82 Os “Apontamentos sobre o Estudo”, 18.º capítulo do *Registo dos Ritos*, tratam do assunto.

83 Eco de Mêncio, “Explorando o Coração, Primeira Parte”.

84 Esta parte da peroração resume a essência da prática dos Ritos, no que importa à sua relação com a Música. A principal autoridade é, mais uma vez, os *Apontamentos sobre Música*.

85 Eco do “Grande Intróito” aos *Poemas do Senhor Mao*.

85 Não há referências exaustivas sobre a música auspiciosa *jia* 嘉, que parece ter sido uma categoria de melodias de sinos e placas de pedra executadas durante cerimônias ritualísticas de diversos tipos. Sacrifícios, audiências, banquetes, brindes, etc. eram coreografados minuciosamente. Esses precedentes eram transmitidos pelos especialistas na ortodoxia ritual a serviço nas cortes, dos quais nos foi legada a obra *Cerimônias Rituais* (*Yili* 儀禮), um dos três clássicos confucianos dedicados aos Ritos.

86 Comparar com *Analectos* 19.19.

BIBLIOGRAFIA

Como texto-base para tradução e notas, utilizamos a edição crítica anotada de

Dai Mingyang 戴明揚. *Ji Kang ji xiao zhu* 嵇康集校注 (Obras Recolhidas de Ji Kang: Consolidadas e Anotadas). Pequim: Zhonghua Shuju, 2014. Tomo II, pp. 345-400.

Embora se refiram ao período imediatamente posterior a Wei, os capítulos da seguinte obra sintetizam os contextos socioeconômico e de história cultural também aplicáveis a Ji Kang:

Holcombe, Charles. *In the Shadow of the Han*. Honolulu: University of Hawaii Press, 1994.

A seguinte colectânea de ensaios, hoje uma referência clássica, trata dos principais desenvolvimentos na história das ideias do período de transição entre as dinastias Han e Wei, discute a relação entre os “Debates Puros” e a política nos períodos Wei e Jin, além de uma síntese de como os “Debates Puros” sofreram a influência das diferentes tradições hermenêuticas dos Clássicos Ortodoxos desde o final da dinastia Han:

He Changqun 賀昌群. *Wei Jin qingtan sichiang chulun* 魏晉清談思想初論 (O Pensamento dos “Debates Puros” nas Dinastias Wei e Jin: Ensaios Preliminares) Pequim: Shangwu Yinshuguan, 2002 (1.ª ed. 1946).

O seguinte estudo exaustivo do movimento intelectual conhecido como “Doutrina do Mistério” (*Xuanxue* 玄學) é reconhecido, na China continental, como “livro-texto” sobre o tema:

Yu Dunkang 余敦康. *Wei Jin xuanxue shi* 魏晉玄學史 (História da “Doutrina do Mistério” das Dinastias Wei e Jin). Pequim: Beijing Daxue Chubanshe, 2004.

Exemplo de uma longa literatura sobre Ji Kang, a seguinte obra de um especialista taiwanês reúne um conjunto de artigos sobre diversas facetas do pensamento desse poeta:

Zeng Chun Hai 曾春海. *Zhu lin qi xiande xuan liyu sheng ming qing diao* 竹林七賢的玄理與生命情調 (Razão e Sentimento nos Sete Sábios do Bosque de Bambus). Taipé: WunanWu, 2013.

Sintetizando as visões do meio acadêmico ocidental para o período, vale a pena folhear os artigos de:

Swartz, Wendy *et al.* (eds.). *Early Medieval China: A Sourcebook*. Nova Iorque: Columbia University Press, 2014, com especial atenção para o artigo de Robert Ashmore, “Xi Kang’s ‘Sound Is Without Sadness or Joy’”, pp. 201-229.

RESUMOS

**Notícias da China nos *Colóquios dos simples e drogas da Índia* de Garcia de Orta (Goa, 1563)**

Garcia de Orta foi um médico português que viveu na Índia nos meados do século XVI, e que se interessou sobremaneira pela história natural e pelas relações desta com a medicina. Em 1563 publicou um volumoso trabalho intitulado *Coloquios dos simples, e drogas he cousas medicinais da India*, que foi uma das primeiras obras impressas no território de Goa, em prelos originários da Europa. Neste tratado, o naturalista português imaginou dois protagonistas, Orta e Ruano, que em sucessivos colóquios discutem os mais importantes produtos naturais asiáticos, analisando os seus nomes, origens, preços de mercado, características e propriedades terapêuticas, questionando também as informações que tinham sido disponibilizadas até então pela literatura médica ocidental e oriental. Ao longo destas eruditas conversas, muitos outros tópicos são introduzidos por Orta e Ruano, e também por um alargado conjunto de personagens secundários, desde a análise de etimologias exóticas até ao debate de casos clínicos, passando pela discussão de temas de geografia e organização política asiática. A China é objecto de particular relevo na obra do médico português, não só através de repetidas menções aos produtos naturais dali oriundos, mas também através de uma miríade de detalhes sobre o mundo chinês que são introduzidos em vários colóquios, e ainda pela atitude extremamente positiva adoptada por Garcia de Orta relativamente aos chineses. O presente texto debruça-se com algum vagar sobre o lugar que as “coisas da China” ocupam na estrutura global dos *Colóquios dos simples*, uma das primeiras obras impressas na Europa do século XVI onde um estudioso europeu revela uma atitude abertamente apologética a respeito da China.

[Autor: Rui Manuel Loureiro, pp. 7-30]

**Em Busca de um Outro Japão: Motivações Jesuíticas para o Sudeste Asiático Continental nos Inícios do Século XVIII**

Baseada na sua investigação sobre o restabelecimento da missão jesuíta no Sião em 1655, a autora defende a tese de que a aproximação jesuíta ao Sudeste Asiático Continental foi o resultado de uma estratégia global da Província do Japão. Efectivamente, essa expansão missionária ocorrida nos inícios do século XVII teve muito mais a ver com as ligações religiosas e comerciais dos jesuítas ao Japão e com a assistência espiritual aos japoneses da diáspora do que com qualquer projecto específico dirigido para a região. Isso levou a uma redefinição de estratégias e delimitações geográficas, no que se inclui a resolução de conflitos e o confronto com críticas internas e externas, tal como a um reajustamento das estruturas administrativas e directivas da Companhia no Extremo Oriente, a ser perspectivada com os interesses da Coroa (unida à espanhola entre 1580 e 1640) e do Padroado portugueses, bem como com os de agentes oficiais e privados de Macau. Embora os respectivos contornos permanecem ainda em grande parte por explorar, é indiscutível a existência de uma correlação entre a criação dos bairros japoneses e o estabelecimento de missões jesuítas permanentes em cidades portuárias do Sudeste Asiático Continental, desde o Sião e actual Vietname – englobando os principados do Tonquim (Vietname do Norte) governado pelos Trinh, Cochinchina (Vietname Central), sob os Nguyen, e o reino indianizado de Champa (Vietname do Sul) de origem malaio-polinésia –, aos menos estudados Camboja Khmer e reino do Laos. Esta “ligação japonesa” é também mostrada pela interdependência e complementaridade de todos esses locais para ambos os grupos, os japoneses e os jesuítas, que frequentemente nele se movimentavam de acordo com

as circunstâncias decorrentes das frequentes disputas territoriais e dinásticas e das flutuações nas políticas de abertura ao comércio externo, de conflitos ocasionais e doutros incidentes. Essa deslocação da Província jesuíta do Japão para o Sudeste Asiático Continental, efectuada de forma continuada e coerente ao longo de todo o século XVII, e que merece ser abordada globalmente, tem nesse “elo japonês”, e desde o início, a garantia do sucesso, tanto em termos religiosos como económicos, para uma nova empresa jesuíta. Em que medida os jesuítas, por si só e/ou associados a agentes privados de Macau, prepararam antecipadamente, antes de 1614, com as comunidades informais portuguesas locais e com os seus parceiros japoneses e chineses, a Cochinchina e o Camboja como locais de refúgio para uma já anunciada expulsão do Japão? A requerer pesquisa mais circunstanciada, esta é uma hipótese plausível aqui levantada pela autora de forma exploratória mas que visa gerar uma discussão académica alargada sobre o assunto.

[Autora: Teresa Sena, pp. 31-46]

**Eça de Queiroz e a Emigração Chinesa de Macau**

Eça de Queiroz, um dos mais celebrados romancistas portugueses, iniciou a sua carreira diplomática como cônsul em Havana, onde permaneceu de 1872 a 1874. Em Cuba, então colónia espanhola, tomou contacto com a emigração chinesa oriunda de Macau, tendo pugnado pela defesa dos direitos dos colonos que eram tratados como escravos. Os relatórios que enviou ao ministro dos Negócios Estrangeiros dão a conhecer um diplomata preocupado e atento que honrou o seu país. Em anexo, cinco textos desconhecidos de Eça de Queiroz publicados no *Boletim da Província de Macau e Timor* e, ainda, o movimento do porto de Macau, em 1872-1873, relativo à emigração de colonos chineses.

[Autor: António Aresta, pp. 47-73]

Para a História do Raide Aéreo Lisboa – Macau

A primeira ligação aérea Lisboa – Macau aconteceu num tempo em que a aviação atraía as atenções da humanidade, quer pela novidade que constituía, quer, sobretudo, pelas acções individuais de jovens aviadores, ditadas por impulsos românticos de busca da aventura, mesclados com sentimentos de amor-pátrio. Assim foi com este empreendimento historicamente conhecido por Raide Lisboa – Macau. Considerado à partida irrealizável face às condições de que dispunha, o sucesso que alcançou foi uma façanha que causou espanto e conquistou a admiração do mundo inteiro. Macau, a Pérola do Oriente, perfeitamente inserida nesta aura e meta mítica do projecto, acarinhou os aviadores portugueses com a mais grandiosa e calorosa recepção e inúmeros testemunhos de estima e de respeito. Foi aí que os valorosos aeronautas mais sentiram o reconhecimento pelo seu extraordinário feito. Um feito que teve inusitadas repercussões políticas em Portugal, mormente com origem em incompreensíveis desatenções por parte dos poderes instituídos, os quais olharam, desde o início, com desconfiança para o projecto. Afrontando a opinião pública, a aviação militar e o próprio raide, estes poderes públicos acabariam em contradições graves e em subsequentes crises políticas. Este um contexto que situa perfeitamente no panorama histórico mais alargado da Primeira República Portuguesa, cujos insanáveis conflitos internos descaracterizaram os seus propósitos e conduziram à sua perdação. [Autor: Fernando Mendonça Fava, pp. 74-87]

O Filho de Macau e a Casa do Mandarim

“O Filho de Macau”, Zheng Guanying, passou a maior parte da vida, até à sua morte, em Xangai. Era um mercador-comprador, reformista, filantropo, escritor, poeta e ideólogo/ativista sociopolítico. Concluiu na sua casa de família o aclamado livro *Shengshi Weiyan* (Palavras de Advertência em Tempos

de Prosperidade). Pode-se questionar em que altura e porque razão foi exaltado como “O Filho de Macau”. Mapeando a história da China do século XIX, este artigo analisa a mobilidade ascendente de Zheng, de aluno pouco brilhante a comerciante aristocrata em Xangai, e o seu pioneirismo de ideias no que respeita a reformas económicas, políticas e sociais numa época turbulenta da China. A sua casa de família, mais conhecida como “Casa do Mandarim”, está situada no “Centro Histórico de Macau”, um misto de legados arquitectónicos Oriente-Occidente listado como Património Mundial pela UNESCO em 2005. Construída por volta de 1869, a mansão Zheng é um complexo tradicional chinês com elementos arquitectónicos com influência de diferentes culturas. Ao longo dos anos, a casa foi transformada num espaço compartimentado que albergava mais de 300 inquilinos no final do século XX. A partir de 2001, quando o governo de Macau adquiriu a titularidade do imóvel, restaurações extensas foram realizadas para revitalizar a sua grandiosidade e aparência original. Tendo em conta que nenhum dos membros da família de Zheng tenha passado os exames civis imperiais que atribuíam o oficialismo (ou estatuto de mandarim) na corte imperial Qing, por que foi atribuída a esta mansão o nome de “Casa do Mandarim”? [Autora: Christina Miu Bing Cheng, pp. 88-111]

Religião e Sociedade de Macau

O 15.º aniversário do retorno de Macau à China é um momento auspicioso para o estudo da sua sociedade e religião. A religião é parte integrante da vida da RAEM, numa sociedade que não dá prioridade à “religião”. Pesquisas a nível quantitativo e qualitativo da sociedade e associações confirmam a existência da religião como um “modo de vida” significativo na Região Administrativa Especial de Macau da China. Templos e igrejas fazem parte da cultura material e intangível de Macau, uma cidade chinesa. Consequentemente,

este artigo está centrado principalmente na religião chinesa e, particularmente, no Taoísmo, embora quase todas as religiões sejam visíveis na península de Macau e ilhas da Taipa e Coloane. As associações constituem uma ferramenta de pesquisa para definir a sociedade em que se inserem. Associações de caridade são essenciais na sociedade local. Macau, fascinante parte da China, tem uma longa história e o estudo da sua sociedade multicultural e religião comprova a existência de uma duradoura harmonia. [Autor: Jean A. Berlie, pp. 112-129]

“Não Há Tristeza, nem Alegria nas Vozes”, de Ji Kang: Uma Tradução Anotada

Traduzido pioneiramente para o português, em “Não Há Tristeza, nem Alegria nas Vozes” o *literatus* Ji Kang (223-263) expõe o seu pensamento sobre a natureza da música e a sua interacção, seja com as instituições sociais, seja com a psicologia humana. Ji é um representante do grupo de pensadores do período Wei e Jin que se posicionaram criticamente à tradição herdada da dinastia Han. “Não Há Tristeza, nem Alegria nas Vozes” é um dos seus mais importantes textos; nele, Ji utiliza a forma literária do diálogo para retratar os divertimentos privados característicos da época, apelidados de “Debates Puros” (*qingtan* 清谈). Ao documentar como a ortodoxia intelectual defendia deterministicamente o papel doutrinador da música, “Não Há Tristeza, nem Alegria nas Vozes” deduz as críticas do poeta, fundadas no conceito taoísta de “espontaneidade”, pelas quais advoga a soberania do íntimo humano. [Autor: Giorgio Sinedino, pp. 138-160]

ABSTRACTS

The Matter of China in Garcia de Orta’s *Colóquios dos simples* (Goa, 1563)

Garcia de Orta was a Portuguese physician who lived in India in the middle of the 16<sup>th</sup> century, and who was extremely interested in natural history and its relations with medicine. In 1563 he published a voluminous work entitled *Coloquios dos simples, e drogas he cousas medicinais da India* (Colloquies on the simples and drugs and medicinal matters of India), which was one of the first books to be published by a European printing press in the territory of Goa. In this work, the Portuguese naturalist introduced two main characters, Orta and Ruano, whom he stagesdiscussing in successive colloquies the most important Asian natural products, analysing their names, origins, prices in the market, characteristics, and therapeutic properties, and also questioning what previous Western and Eastern medical literature had to say about them. During these scholarly conversations, many other topics are introduced by Orta and Ruano, and a host of other secondary characters, from the analysis of exotic etymologies to the debate of clinical cases and to the discussion of Asian geography and political organisation. China is the object of particular attention in the work of the Portuguese physician, not only by the repeated mention of its natural products, but also by the wealth of details about the Chinese world that are introduced in the colloquies and by the extremely positive attitude adopted by Garcia de Orta towards the Chinese. The present text, then, takes a closer look at the place of ‘Chinese matters’ in the framework of the *Coloquios dos simples*, one of the first European printed works in which an apologetic attitude towards China is adopted in the early modern period. [Author: Rui Manuel Loureiro, pp. 7-30]

In Search of Another Japan: Jesuit Motivations Towards Continental Southeast Asia in the Early 17<sup>th</sup> Century

Based on her previous research on the resettlement of the Jesuit Mission in Siam in 1655, the Author defends the view

that the Jesuit approach to continental Southeast Asia was a result of a global strategy of the Province of Japan. In fact the early 17<sup>th</sup> century missionary expansion had much more to do with the Jesuits’ religious and commercial links to Japan and to the spiritual assistance to the overseas Japanese than to any specific project directed towards the region. This led to a readjustment of Jesuit geographical targets and strategies, including the balance of domestic and external conflicts and criticism, and to an adjustment of the Society’s administrative and directive structures in the Far East, to be understood alongside the interests of the Portuguese Crown (united to the Spanish from 1580 to 1640) and Padroado as well as those of Macao’s official and private agents. Although the material contours remain to a large extent yet to be explored, there is a clear coincidence between the creation of the Japanese quarters (settlement) and that of Jesuit missions in continental Southeast Asian port-cities, showing a real connection between the two events from Siam or today’s Vietnam—which included the principalities of Tonkin (North Vietnam) ruled by the Trinh, Cochín China (Central Vietnam), under the Nguyễn, and the Indianised kingdom of Champa (South Vietnam) of Malayo-Polynesian origin—, to the less studied Khmer Cambodia, and even to the kingdom of Laos. That ‘Japan connection’ is also shown by the interdependence and complementarities of all those sites for both groups, the Japanese and the Jesuits, often moving from place to place accordingly to different circumstances resulting from perennial territorial and dynastic disputes, fluctuations in foreign trade policies or occasional conflicts and incidents. That continuous and coherent strategy of the Jesuit Province of Japan shifting towards continental Southeast Asia that deserves a global approach run through all of the 17<sup>th</sup> century and from the very beginning offered guaranteed success in both religious and economic terms to a new Jesuit enterprise.

To what extent did the Jesuits by themselves, and/or associated with private traders from Macao, prepare in advance with the Portuguese informal communities and with their Japanese and Chinese partners Cochín China and Cambodia to serve as refuge places to an already announced expulsion from Japan prior to 1614? Though deserving further research, this is a rather plausible and challenging hypothesis raised by the Author in an exploratory way aimed to generate an enlarged scholarly discussion. [Author: Teresa Sena, pp. 31-46]

Eça de Queiroz and the Chinese Emigration from Macao

Eça de Queiroz, one of the most celebrated Portuguese novelists, began his diplomatic career as Consul in Havana in 1872 and stayed there until 1874. In Cuba, a Spanish colony at the time, he became familiar with the Macao’s Chinese emigration issue making a stand regarding the settlers rights who were treated like slaves. The reports he sent to the Foreign Office Ministry show a perceptive and concerned diplomat who honoured his country. We show five unknown texts from Eça de Queiroz published in *Boletim da Província de Macau e Timor* and also the movement in Macao’s harbour regarding Chinese settlers emigration. [Author: António Aresta, pp. 47-73]

Contribution for the History of the Air Raid Lisbon – Macao

The first air link Lisbon-Macao happened when the aviation attracted the attention of the world, for its novelty but mainly for young airmen individual actions dictated by romantic impulses in search of adventure, mixed with feelings of love to motherland. So it was with this venture historically known as Raid Lisbon – Macao. Considered at first impossible given the available conditions, the success achieved was a feat that astonished and won the admiration of the whole world. Macao, the Pearl of the Orient, perfectly inserted in this mythical aura and the project goal, patted the Portuguese aviators with the most grand and warm welcome